



Obras de 24,5 milhões de euros para tirar o Museu de Arqueologia das reservas

Requalificação deverá permitir ao museu mostrar a sua colecção como merece. Projecto inclui a Torre Oca, que foi ponto de discórdia há mais de dez anos, e construção nova no pátio

Lucinda Canelas

Um corredor escuro dá acesso a gabinetes e salas de trabalho que têm paredes e tectos falsos que parecem demasiado provisórios, com linóleo a cobrir o chão de pedra. Foram construídos no início dos anos 80 e há muito tempo que esperam uma remodelação. Nas reservas, os materiais arqueológicos acumulam-se e o espaço, demasiado pequeno para as necessidades, cria hoje muitos obstáculos ao acesso. Os laboratórios, esses têm já dificuldade em acompanhar o ritmo da investigação. Tudo isto teria um peso diferente se o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) estivesse em condições de oferecer aos seus visitantes uma exposição permanente, ou pelo menos de longa duração, para mostrar o que de melhor tem a sua riquíssima colecção, mas não está.

"Há décadas que o museu espera uma renovação que lhe permita crescer para poder mostrar a colecção extraordinária que tem como merece ser mostrada. Temos aqui anos e anos de textos, de propostas, de projectos para essa renovação e é, também por isso, mais do que justa a intervenção que vai ser feita com as verbas do PRR [Plano de Recuperação e Resiliência]", diz António Carvalho, de 56 anos, desde 2012 director deste museu instalado no Mosteiro dos Jerónimos.

A requalificação do MNA, anunciada em Setembro pela ministra da Cultura, Graça Fonseca, ao semanário *Expresso*, vai custar 24,5 milhões de euros e está entre as mais avultadas intervenções previstas no quadro de investimentos em património do PRR, sector que no total conta com uma verba de 150 milhões deste pacote financeiro com que Bruxelas quer minimizar os danos que a pandemia de covid-19 causou nas economias.

Dos directores de museus e monumentos ouvidos pelo PÚBLICO, António Carvalho é o único que pode dizer que tem a seu cargo uma remodelação integral há muito adiada.

A intervenção, que está a ser preparada com os técnicos da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), tutela directa do MNA, e com os arquitectos Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, autores das várias versões do projecto de requalificação que começou a ser trabalhado na década de 90, deverá obrigá-lo ao encerramento do museu por um período de, no



O trabalho feito para a exposição *Ídolos* ajudará a repensar a forma como se vai mostrar o acervo

mínimo, quatro anos, já a partir do arranque de 2022.

Redesenhar um museu

Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, os arquitectos que assinaram o primeiro contrato para a requalificação do museu em 2001, ficarão encarregados de redesenhar o projecto, partindo da última versão existente, a de 2010, à data chumbada pelo conselho consultivo do então Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.

"Este redesenho e a reconceptualização dos espaços não vão ser feitos do zero – há muito trabalho reunido. São 15 anos de documentação – textos, plantas, desenhos – em dezenas de caixas que já tratámos e que poderão tornar tudo muito mais fácil",

assegura o director. "Algumas das soluções antes apresentadas serão retomadas, outras abandonadas."

Em cima da mesa voltará a estar, por exemplo, a utilização da Torre Oca e do pátio tardoz do mosteiro, actualmente na esfera da Marinha.

A torre, que durante anos serviu como galeria de exposições temporárias do MNA, esteve em 2010 no centro de uma polémica que opôs o antigo director, Luís Raposo, ao então responsável pelo extinto Instituto dos Museus e da Conservação, João Briçola, numa altura em que o primeiro lutava contra a devolução do espaço à Marinha e contra a transferência do museu para a Cordoaria Nacional.

"Neste momento temos um diálogo franco e aberto com a Marinha", garante António Carvalho. "A torre é

o único sítio no edifício onde podemos ter elevadores, e é também um espaço de articulação entre a ala nascente e a ala poente. É muito importante para criar novas dinâmicas de circulação no museu."

No pátio, o director quer ver construído um módulo novo, cujo destino, para já, não revela. "Precisamos de reinstalar o museu condignamente – colecção, reservas, laboratórios,

"A Torre Oca é muito importante para criar novas dinâmicas de circulação no museu"

funcionários. Agora estamos a olhar para o que já foi feito e a pensar no que queremos mudar. O prazo é muito curto para o que temos de fazer e é por isso que precisamos de estar ainda mais atentos para que não haja falhas e atrasos irreversíveis."

Uma grande exposição

Esta renovação, que vai implicar a criação de três exposições de longa duração, vai permitir à equipa do museu repensar as suas colecções, tirando partido do trabalho realizado para várias mostras temporárias nos últimos anos, diz Carvalho. "Um exemplo deste trabalho prévio que vamos aproveitar? A exposição *Ídolos – Olhares Milenares*, que trouxe novas perspectivas sobre o nosso território e a relação com o sagrado, pode funcionar como uma espécie de embrião para a grande exposição da colecção do museu no que diz respeito ao quarto e terceiro milénios", explica, falando com entusiasmo na possibilidade de, com mais área pública, poder "tirar o MNA das reservas".

O museu, que não tem exposto amplos núcleos da sua colecção em permanência, vai passar a mostrar, por exemplo, os seus vasos gregos ou a Escrita do Sudoeste, que poucos conhecem. "Vamos poder mostrar as placas de xisto e os báculos magníficos que fazem inveja a colegas de outros museus internacionais."

Esta "grande exposição" de longa duração vai centrar-se na ocupação humana do território que hoje é Portugal desde a pré-história antiga até ao período que corresponde à construção do país, entre a Alta Idade Média e o nascimento do "Estado Moderno", acrescenta Carvalho. A complementá-la estarão duas exposições mais pequenas: uma dedicada à história da instituição e outra para peças de geografias diversas, como antiguidades egípcias e etruscas.

Durante o período em que estiver fechado, a equipa do MNA tudo fará para que algumas das peças do acervo sejam mostradas noutros grandes museus europeus, trabalhando, ao mesmo tempo, em exposições pequenas que possam circular pelo país.

"Desde o final dos anos 50, altura em que se pensou que um novo museu de arqueologia nasceria na Cidade Universitária, onde é hoje a Torre do Tombo, que se fala em ampliar este museu. Chegou finalmente a hora", conclui o director.